

Monsieur

Fernando Pessoa

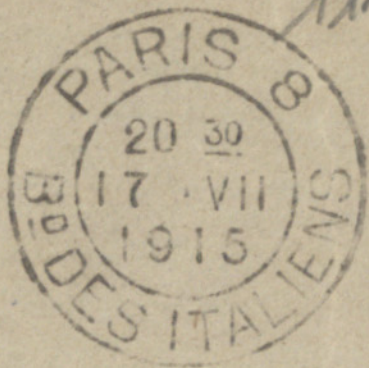
nos escritórios comerciais de

A. Xavier Pinto & Cia

43 Campo das Pedras

Lisbonne

(Portugal)



8. a.m.

25 Fevereiro 1900



Aviso Importante

Esta carta ¹¹⁵⁶⁻³⁰ tem, este
raramente muito
lepidopetera.

Lisboa - julho 1915

dia 17

Meu Querido Amigo,

Vou lembrar-lhe tudo quando
lhe disse na minha carta de ou-
tem, recomendar-lhe muito me-
te não esqueça de passar na livraria
popular sobre o "Ceu em fogo" a fim
de eu saber de ordem e passo entrar
com o dinheiro dessa venda até 8 de
agosto efectivamente. Fogo-lhe também
que eu escreva com a maior ben-
dade uma das duas cartas-relatório
falando-me sobre tudo do Orfeu - e outras
tricas literarias. O Real circula ainda?
O Santa Rita Pintor tem apparecido por
Pessoa. Etc. etc. E a verdade o Afonso
Costa afinal morreu ou não? E o P.
Pebygiani chegou um pouco a dedica-

o seu artigo de fundo ao grande
estadista morto. Todos os jornais
espanhóis - e os franceses - noticiaram
com efeito a morte do tribuno no dia
14. Mas já lá aqui no Matin
ou no Journal (só um deles) um denun-
ciado. Logo... Preocupe-se de ver
em morte do Afonso pela sua vida
meu caro Fernando Álvaro Pessôa de
Campos.

Paris, então. Ah! uma glória.
outra glória - outra maravilha.
Maravilha que, de resto, para ser libada
em todo o seu oiro necessita de
influenciar alguém que tivesse
cuberto a Cidade em plena paz.
É a norma - mas em febre amor-
tecida. Dir-se-ia que não fantástica
fecho um pouco o registro regulador
do monumento-total, da "Corda",
que faz mover, em relopância,

Paris inteiro. Quer-lhe que desde o
 próprio barulho dos autos veis de discar
 hermes - e as suas luzes - até
 aos humores electricos chamados do
 animatographo e mais luzes, tudo
 se atenua, emmacece, velou, dilui-
 mas permanece em encanto -
 mais penetrante hoje por subtiliza-
 do, impoderalizado, cendrado -
 mas simultaneamente fertiliza do
 em novas erispações. etã ser
 explicar-lhe o que quere. Alá
 em fim, suponha isto - tal e qual:
 uma grande cidade, a cidade
 de minha Russia e dos meus livros -
 rutilas de Europa, longas, pesadas
 de tranvito e movimentos - vendes-
 roas comphitas, forpachentos de
 aegao. Poi bem: suponha que
 assim como o guarda freio
 dum electrico, o chauffeur ao
 volante dum automovez poder

acelerar ou diminuir a velocidade
do seu veículos - e como também
uma torneira permite que aumente
também o fogo dum repressão a
meio dum lago - seria muito por
qualquer mecanismo de mola
fazer o mesmo a toda a actividade
múltipla e diversa da grande
Capital. Não suponha isso possível.
Suponha-se fazendo - aliado esse
regulador. E aqui além a mudança
toda de Paris - tão real, mas
tão enigmática e perturbadora
na sua realidade diminuída.
Paris em resumo assim é:
Paris diminuído em grandeza,
descubriam-se angustia de
oculto, dilui-se em incerto.
Tanto maior o seu quebranto -
que se estileira em máfica
intensidade de, a' noite -
vincadamente. Lembra-se do

homem dos sonhos, o meu
 cruto? Pois hoje Paris, a
 vir'ô — é a cidade que
 ele viçava em sonhos: ele
 próprio; na terra impenetrável,
 toda a vida. E rasgava —
 os boulevards, em verdade,
 numa ideia só ascendente —
 e de lá a' vida: tocam
 os automóveis, os trens —
 deliciam nos largos passeios
 de asfalto citadino a multidão
 dos transeuntes. E em frente
 também todo este mundo
 de hume em musica: não
 realmente em musica mas
 na ideia duma melodia
 impossível que não se ouve,
 e fosse apenas um hafo: um
 hafo instantâneo, perfumado
 em espasmo — que nós aspiramos
 como se o ouvissemos em

harmonia. Com efeito no
meio futurista dos grandes
dirigentes imperiais e
aqueles - só raros, raríssimos
candelões de gás são acesos.
A ponto que é difícil transitar,
ir com muito cuidado no
perigo até de entropesar. Fugiu
sem a apoteosizar todo
o ambiente velado, e não ha
números, as estrelas que se
ditam de papel pateado de
uma toya, obra de mágica
nos teatros de milionários.
É a multidão delirante. Se re
haver heis os recantos -
e estes porventura de cru
zarão momentaneamente nas
esquinas mais solitárias, Enfim,
é o mistério empestado e
todas as crises - a cidade

toda vivendo nas trevas impenetráveis. E mais a frieza
 então a impossibilidade de acreditar,
 de duvidar e fugitivo, num
 calafrio remoto a intranquilo
 que mais nunca arrefecendo-as
 as sensações diluídas, ~~de~~
 excitam agora — equivocadamente
 Dir-e-hia uma cidade de
 furtiva, em uma, um
 quando um: uma cidade
 fora do espaço e do tempo: existi-
 tudo de escurecer — colmias
 atrel, talvez de criminosos...
 está lá. Mas todas estas
 histórias interseccionadas
 no impressionar Paris de hoje,
 perdê toda esta pressão
 literária. Não? São apenas
 fugitivos apontamentos: até
 esboços de apontamentos — fora

as minhas pap'ua que presumia
e futuramente escrever. Uma
Gonice. Mas uma crônica
pública. E' verdade? e se
de de se escrever todo isto e o
ajustasse p' o u' do Orfeu?
Como crônica, evidentemente.
Mas de de a figura que se
possa tirar daqui? Uma por
crônica interessante. Diga. E
há o filho no que lhe digo.
Há muitos outros verticais.
Escreva. Por amor de Deus. E
há de expressa das minhas incun-
hências e de me writer o que
me disser o Ruyter. Uma
grande abraço e um grande
a Deus.

O seu, m. l. seu

Mario de La Carneiro
Porto Portante
Bureau des Italiens Paris